

Rádio e tv: o jogo da narração A imaginação entra em campo e seduz o torcedor

Márcio de Oliveira Guerra¹

Resumo: Como a narrativa radiofônica do futebol conquistou o torcedor e o quanto a narração do jogo pela televisão ainda encontra dificuldade para cativar este mesmo torcedor. Como as duas mídias (rádio e tv) se “encontraram” com o futebol. Mapeamento das escolas de narradores. Futebol e rádio: fenômenos de massa que cresceram juntos. A distinção entre as narrativas de rádio e televisão: o futebol ainda é um espetáculo eminentemente radiofônico. Revisão da pesquisa bibliográfica na área, entrevistas, observação direta e análise das produções selecionadas.

Palavras-chave: futebol; narração; rádio e tv

Abstract: How radio narrative of soccer games attracted the rooter's sympathy and how tv narration of the games still finds difficulty to attract the rooter's attention. How the two media (radio and TV) have been “introduced” to soccer. Discription of soccer narrative schools. Soccer and radio: mass phenomena that had grown together. The distinction between the radio and television narratives: soccer still is mainly a radio show. Bibliographical research in the area, interviews and analysis of the selected productions.

Keywords: soccer; narrative; radio and tv

A narração de uma partida de futebol é um espetáculo eminentemente radiofônico. É esta a aposta deste trabalho. Tendo esse pressuposto como hipótese principal, o estudo busca a compreensão da relação estabelecida entre torcedores com o futebol, mediada pela comunicação, para entender a dimensão que este envolvimento atingiu, a ponto de sobreviver forte, mesmo diante do surgimento de novas mídias, como a televisão e a internet.

Entre as hipóteses secundárias estão a de que a televisão, mesmo com todo o desenvolvimento tecnológico e recursos de imagem, ainda não conseguiu descobrir uma narrativa própria, liberta do estilo consolidado pelo rádio, para mostrar o futebol. Outro ponto é que o estilo peculiar de transmitir uma partida faz dos locutores esportivos na transmissão radiofônica, parte do jogo. Essa narrativa do rádio parece ter sido incorporada ao espetáculo. Daí o torcedor levar o aparelho para os estádios, como uma “muleta” para “ver melhor” o jogo, ou optar por assistir a tv, mas se manter fiel ao áudio do rádio.

Para verificar essas questões, foi feita uma revisão da pesquisa bibliográfica na área. Desde aqueles estudos que tratam da iniciação do futebol no Brasil, como ele

¹ Professor da Faculdade de Comunicação (UFJF). Doutor (ECO/UFRJ).

conquistou os primeiros espaços na mídia, especialmente no rádio e na televisão, bem como diversos estudos de áreas afins à comunicação que buscam entender a relação do torcedor brasileiro com esse jogo, que tanto espaço conquistou na mídia.

Também, como metodologia, realizaremos entrevistas com cronistas esportivos (não necessariamente narradores apenas) e torcedores. Será preciso buscar nestas pessoas pistas para compreendermos melhor toda essa relação da narrativa do futebol, mídia e o público. Ouvir a opinião do público e de quem lida com a transmissão do jogo sobre a hipótese levantada no trabalho abrirá espaço para possíveis reflexões que não estejam focadas durante todo o estudo feito pela pesquisa bibliográfica e contribuirá para cuidados na avaliação.

O trabalho apresenta um estudo original, que é o de oferecer um levantamento das “escolas” de narradores que foram se formando a partir de alguns nomes expressivos e marcantes da transmissão do rádio e que são reproduzidos até hoje.

As escolas de narradores

Das primeiras transmissões feitas por Romeu Tuma e Amador Santos, já com estilos diferentes, até os tempos atuais, a união do futebol com a narração esportiva faz do futebol no Brasil um espetáculo à parte. Foram surgindo estilos próprios para a descrição do jogo. Para ilustrar o imaginário do torcedor e conquistar a sua audiência, narradores no rádio e na televisão utilizaram formas criativas, inventaram bordões e buscaram no próprio povo, expressões que pudessem facilitar a identificação com o que estavam falando.

Por meio de linguagens estereotipadas e redundantes, cheias de sinonímias, os narradores conquistaram seu espaço dentro do próprio jogo. Seja porque “você vê o jogo, ouvindo a rádio...” ou porque, “a gente se vê por aqui”, o torcedor passou a incorporar a transmissão como parte do espetáculo, mesmo quando a imagem (seja no campo ou através da tv) não se basta se não for acompanhada de um contador da história que está sendo vista e vivida naquele momento.

A narração esportiva pelo rádio é ver algo a mais do que a bola, o lance em si. Já a narração feita pela tv, por dever de ofício, está presa à imagem. Nas mídias, no entanto, estilos e formas de fazer essa cobertura criaram ídolos e gostos no torcedor, formando verdadeiras escolas. Maneiras copiadas desde cedo pelas crianças, seja nas peladas de rua ou nas transmissões dos jogos de futebol de botão ou videogame.

Time do rádio

A divergência sobre quem primeiro transmitiu uma partida de futebol pelo rádio, entre Tuma e Amador Santos, define, já na origem da narração esportiva, duas escolas. O primeiro, com estilo rápido, objetivo, sem figuras de linguagem, em cima do lance, criou uma legião de seguidores. Um deles, considerado como um dos maiores de São Paulo, Pedro Luís, que começou na Panamericana em 1945 e depois foi para a Bandeirantes, onde fez parte da famosa “cadeia verde-amarela”. Gagliano

Neto², da primeira copa narrada do exterior para o Brasil, também era da mesma escola.

“Time” reforçado, no Rio de Janeiro, por Jorge Curi, conhecido como “o locutor padrão do rádio brasileiro”. Foi Gagliano Neto que lançou Jorge Curi, que seguia rigorosamente o estilo de seu “iniciador”.

Luiz Mendes, que antes de ser comentarista foi também narrador, fazia parte desta turma. Ele faz questão de lembrar o nome de Walter Ferreira, que foi quem o levou para o primeiro teste, na Rádio Farroupilha, Rio Grande do Sul. Nesta época existiam dois grandes nomes no rádio gaúcho: Farid Germano, na Gaúcha, e Saião Lobato, na Difusora, emissoras concorrentes da Farroupilha. Também desta mesma escola podem ser incluídos os nomes de Edson Leite e Rebelo Júnior, do rádio paulista.

No estilo de Amador Santos, mais lento, embora preciso, Waldir Amaral talvez seja um dos maiores nomes a ser citado. Seu estilo era inconfundível. “Carlinhos toca a bola na direita para Joel, domina, calcula o centro, executa, Dida sobe de cabeça, é gollllllll. Dida, indivíduo competente.” Quem teve a oportunidade de ouvi-lo narrando percebe o ritmo exato de como Waldir Amaral fazia suas transmissões. Talvez hoje, pela forma como o futebol é jogado, essa velocidade da narrativa não tivesse mais espaço. Quando Joel recebesse a bola já teria dois zagueirões chegando em cima.

Waldir Amaral marcou sua participação nas transmissões e criou estilo e expressões. Entre elas, “tem peixe na rede do Flamengo”; “está deserto e adormecido o gigante do Maracanã”; “Rio, capital mundial do futebol”; “indivíduo competente”. César Rizzo, também no Rio de Janeiro, tinha o hábito de descrever a posição dos dois times antes do início dos jogos, dava detalhes do uniforme das equipes, compondo o cenário do jogo. A sua narrativa também seguia um ritmo mais lento, embora sempre preciso.

Fiori Gigliotti, em São Paulo, Oduvaldo Cozzi, no Rio de Janeiro, tinham estilos parecidos e também criaram uma legião de seguidores pelo país afora. “O locutor da torcida brasileira”, como é chamado Fiori, criou vários bordões como “abre-se a cortina, começa o espetáculo”, “é fogo no boné do guarda”, “crepúsculo de jogo”. Ampliou seu prestígio, especialmente no interior de São Paulo, dando grande audiência à Rádio Bandeirantes, com o “escrete do rádio”, uma equipe de funcionários da emissora que fazia vários amistosos e levava o nome da rádio e da equipe de esportes. Fiori foi uma espécie de treinador e dirigentes deste “escrete”.

Oduvaldo Cozzi teve presença marcante na extinta Rádio Mayrink Veiga. Era também, como Fiori, um criador de expressões, descrevia os lances com detalhes. Alguns pesquisadores dizem que ele se inspirou em um narrador uruguaio chamado Lalo Peliciari, considerado como um dos maiores do país. Cozzi foi um verdadeiro fenômeno de audiência, a ponto de criarem um trocadilho em relação ao seu sucesso. Diziam que ele transformou o hábito de ouvi-lo numa autêntica “psi-cozzi”.

² Gagliano, antes da Copa de 38, realizou as primeiras transmissões internacionais no rádio, narrando diretamente de Buenos Aires, em 1936, o Campeonato Sul-Americano.

Joseval Peixoto também tem um estilo bem marcante, rápido e preciso. “A gente grita sem se preocupar com quem está em volta. É um espetáculo à parte para a platéia do primeiro mundo, habituada a uma narração mais informativa e menos empolgante”³, comenta o narrador paulista.

Dois nomes importantes do rádio, que mais tarde migraram para a televisão e são de grande importância na história das transmissões: Sílvio Luiz e Rui Viotti. O primeiro é hoje um dos mais populares da televisão e, até por isso, merecerá destaque mais à frente. São dele as expressões “olho no lannnce”, “bateu no gogó da ema”, “pelas barbas do profeta”, “pelo amor dos meus filhinhos”, entre outras.

Rui Viotti também marcou sua passagem pelo rádio com grande criatividade. Foi um dos pioneiros em coberturas internacionais. Ele trabalhou na Rádio Tamoio, outra emissora que não pode ser esquecida pelo que representou em determinado momento da transmissão do futebol e do esporte em geral pelo rádio, com destaque para a cobertura feita na Copa de 50, disputada no Brasil. O narrador tinha, acima de tudo, que ter muita criatividade e, às vezes, inventar um jogo, como conta Rui Viotti:

Era um jogo do Vasco na França. Em algumas ocasiões, a gente dublava outra estação. Eu comentava e o Júlio Delamare narrava. Como sabíamos um pouco de francês, ligamos numa rádio de lá e mandamos ver. Delamare sentiu-se mal, saiu e eu assumi a narração. Ele voltou e eu disse: está zero a zero. No segundo tempo, ele disse: está um a zero para eles! Eu me assustei: o cara não gritou gol. Ele: mas em francês não se grita gol, a palavra é outra. O jeito foi “narrar” um gol do time francês na segunda etapa. Tudo invenção. Não havia imagem, ninguém via nada. Era o jeito. Num outro jogo do Vasco, em Buenos Aires, perdi o sinal da rádio local e passei a inventar os lances enquanto o técnico procurava outra “matriz”. Como não conseguiam achar, decidi sintonizar a rival Tupi para dublar o locutor Doalcei Camargo. Só que eu descobri que ele, com o mesmo problema, estava me dublando, ou seja, copiando o que eu estava. Inventando⁴.

A forma de narrar de Ary Barroso inaugura um estilo diferente e irreverente que, como mais tarde veremos, ganha um sucessor que marca época na narração do futebol pelo rádio, que foi Osmar Santos. A introdução de música, de colocar opinião na transmissão começa com Ary Barroso. “O homem da gaitinha”, como era chamado, tem grandes histórias. Uma delas, quando a direção do Vasco o proibiu de transmitir direto de São Januário. Com sua gaitinha, ele convenceu na véspera do jogo um vizinho do estádio vascaíno a deixá-lo fazer seu trabalho. Os dirigentes descobriram e colocaram uma grande placa tampando a visão que ele teria do campo, sob alegação que seria uma homenagem ao Fluminense, adversário que fazia aniversário.

Ari não desanimou e transmitiu do telhado de um ginásio distante. Binóculo numa mão e gaitinha na outra. Em Buenos Aires, em 1937, chegou a abandonar o microfone para torcer à beira do gramado, em pleno campo do inimigo. Foi socado e

³ MELLO, 2005.

⁴ MARINI, 2005, p.40

cuspidos pelos argentinos e chegou a desmaiar. Voltou ao país como herói⁵. Transmitir futebol pelo rádio sempre foi um estímulo para se improvisar.

“O estilo de Ari era completamente diferente. Com uma voz marcante, uma forma inconfundível em suas narrativas, colocando palavras de uso popular em sua narrativa,” conta Luiz Mendes⁶. Na mesma escola de Ary pode ser incluído o nome de Raul Longras⁷, que em suas narrações chamava a bola de Leonor. No lugar da gaitinha, quando saía um gol, Longras se referia ao chute do atacante com um “pimba” e, antes de gritar um gol prolongado, ele dizia “balançou o véu da noiva”. O gol prolongado era no estilo criado por Rebello Júnior, de São Paulo.

Doaclei Bueno de Camargo é, também, da escola de Gagliano e Jorge Curi. De 1947 até 1954, foi um dos principais narradores da Rádio Globo. Depois passou a ser o principal locutor da Tupi. Ele sempre optou por uma forma sóbria para a narrativa, tendo como argumento contra a correria e estilo de outros narradores, o fato de que a qualidade da locução deveria ser a prioridade sempre e isso foi o que Doaclei realizou. Nesta mesma “escola” e estilo estão Clóvis Filho, que atuou na Rádio Continental, prefixo por onde também esteve Orlando Batista.

No Rio de Janeiro, outro narrador “batizou” a bola com um nome original: “maricota”. O responsável foi José Cabral, que trabalhou nos principais prefixos do rádio carioca, com um estilo mais cadenciado de transmitir o futebol. Celso Garcia, conhecido como “o garoto do placar”, também é um nome marcante da história do rádio esportivo carioca.

Em Minas Gerais, alguns nomes são também importantes na história do rádio e do futebol. O principal deles é Osvaldo Faria, apresentado nas transmissões como aquele que tem “coragem para dizer a verdade”. Willie Gonzer é outro, bem como Jairo Anatólio Lima. Outros destaques são Alberto Rodrigues, Milton Naves, Mario Henrique, Osvaldo Reis, Paulo César Magela, Ivan Costa, Marcus Moreno, Dirceu Costa Ferreira, Silva Júnior e Osvaldo Reis (o Pequetito).

No Rio Grande do Sul⁸, alguns nomes são importantes na história do rádio esportivo e criaram as primeiras escolas gaúchas de transmissão: Ranzolin, Lauro Quadros, Pedro Ernesto, Haroldo Souza, Sérgio Moraes, Pedro Carneiro Pereira, Brauner e Willy Gonzer, que depois foi para Minas Gerais. O maior nome dos comentários no Rio Grande do Sul é Ruy Carlos Ostermann.

Em São Paulo, nomes que não podem ser esquecidos da narração são Hélio Ansaldo, Otávio Muniz, Salem Júnior, Néelson Spinelli, Antônio Euclides, Aníbal Fonseca, Bruno Sobrinho, Aurélio Campos, Wilson Brasil, Haroldo Fernandes, Braga Júnior, Flávio Araújo, Luís Aguiar, Darci Reis, José Carlos Silva, Luís Noriega, José Góes, Jaime Moreira Filho, Hélio Prioli, Vanderlei Ribeiro, Ademar Anusek, Alfredo

⁵ TRINDADE, 2003, p.32

⁶ MENDES, 1999, p.66

⁷ Raul Longras também ficou conhecido como apresentador de um programa de casamento no rádio e, mais tarde, na televisão. Ele promovia a união de pessoas através do rádio e tv.

⁸ A primeira partida transmitida pelo rádio no Rio Grande do Sul aconteceu em 19 de novembro de 1931, entre Grêmio e Seleção do Paraná, com narração de Ernani Rushel, pela Rádio Sociedade Gaúcha.

Orlando, Eder Luis, Jarbas Duarte, José Maia, Nilson César, Douglas Porto, Rogério Assis e Hélio Claudino.

No Rio de Janeiro, muitos nomes têm que ser lembrados também. Entre eles, o do compositor Antônio Maria, que narrou pela Rádio Mairink Veiga; Maurício Menezes (Danadinho), Luiz Carlos Silva (O que faz a cabeça da galera), Sérgio Morais (Dos Pampas aos Seringais), Airton Rebelo (De coração a coração), Celso Garcia (O garoto do placar), Carlos Borges, Wellington Campos, Gilson Ricardo, Antônio Porto e Luiz Penido.

Entre outros grandes narradores estão Geraldo José de Almeida, Édson Leite, Renato Macedo, Corifeu de Azevedo Marques, Murilo Antunes Alves, Tomás Mazzoni, Otávio Gabus Mendes, Clóvis Filho, Jorge Amaral, Orlando Batista, Jota Santiago (Locutor show que emociona), Geraldo Sena (locutor que agita a galera), Sidnei Marinho e Júlio César Santana.

A transmissão do futebol no rádio tem um marco divisório. Estudiosos do veículo, cronistas esportivos e torcedores habituados a ouvir as irradiações das partidas são unânimes em destacar que existe uma fase antes e outra depois de Osmar Santos. Tanto que foi motivo da publicação de um livro sobre sua carreira e é tema de diversas monografias, dissertações e teses. O “pai da matéria”, como era chamado por alguns, falava até 100 palavras por minuto, sem atropelar nem engolir uma letra sequer.

Vários fonoaudiólogos foram convocados a falar sobre Osmar Santos, tratado como um fenômeno do rádio esportivo. Todos demonstravam entusiasmo com a narrativa e consideravam sua locução como uma obra prima.

O locutor usava a dramaticidade como elemento para reforçar a narração. Ele atuava como verdadeiro mediador do jogo, já que precisava falar da partida para quem não a assistia para quem estava no estádio e para os que ligavam a tv sem som. Osmar valorizava a partida com muita dramaticidade, chamando a atenção do ouvinte de maneira constante⁹.

Osmar Santos não só revolucionou a forma de transmitir futebol, em pleno período em que a televisão já dominava a atenção do público e também o investimento comercial. Muitos consideram a sua criatividade como ponto alto, mas o que o também “locutor das Diretas” fazia era surpreender a todos com expressões que criava e com as citações que fazia em plena transmissão. Algumas expressões como “ripa na chulipa e pimba na gorduchinha” fazem parte do linguajar de muitos torcedores e dos narradores que seguiram a sua “escola de narração”.

Osmar Santos gostava muito de poesia, era um grande leitor de Carlos Drummond de Andrade, Camões, Eça de Queirós, além de se utilizar de muitas coisas da música brasileira. Além destas influências, o locutor captava muita coisa da linguagem popular que ouvia no dia-a-dia¹⁰.

⁹ ANDRADE, 2002, p.46

¹⁰ ANDRADE, 2002, p.53

Entre os nomes que seguem o estilo Osmar Santos de narrar futebol está o de Dirceu Maravilha, hoje um dos mais ouvidos no rádio de São Paulo. Entre as frases utilizadas por Dirceu Maravilha estão: “Se for pro gol, me chama que eu vou”, “Estou sentindo o cheiro de gol”, “Com ele não tem talvez, ele foi pra rede outra vez”, “Tô por conta da alegria”. Outro da “escola Osmar Santos” é José Silvério, que dita o ritmo de sua narração de acordo com o lance, num mesmo fôlego, colocando o ouvinte em uma condição de estar bem perto do lance, quase que correndo junto com o jogador. Alguns observadores da transmissão de José Silvério comentam que ele “parece tomado” durante a transmissão, tamanha dramaticidade que dá ao jogo, tamanha interpretação. Uma de suas expressões nas narrações, quando do gol, é “eu vou descer para te abraçar”.

E as mulheres? No rádio, de forma geral, a participação delas começa cedo, mas timidamente. A primeira voz feminina foi a de Maria Beatriz Roquette Pinto, filha de Roquette Pinto, que trabalhou na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Em São Paulo, a primeira locutora foi Zenaide Andréa, na Rádio Record, no começo dos anos 30. Depois, segundo Reynaldo C. Tavares, em Histórias que o Rádio não contou, surgiu Natália Peres, que se apresentava com o pseudônimo de Elizabeth Darcy, mãe do locutor Sílvio Luiz.

Mas no esporte demorou um pouco mais. As mulheres abraçaram a função da radioatriz. Ivani Ribeiro, na década de 40, se destaca como grande escritora do rádio. Erci Ayala, Xênia Bier, Cidinha Campos, Zora Yonara e Deise Lucidy se transformam em nomes de destaque na apresentação de programas femininos. O ingresso no jornalismo esportivo radiofônico acontece em 1971 e é um dos principais momentos da participação da mulher. Trata-se de uma experiência criada pela Rádio Mulher, de São Paulo. Literalmente, um time de mulheres se dividindo em narração, comentários e reportagens.

A narração das partidas pela Rádio Mulher era de responsabilidade de Claudete Troiano, que mais tarde passou a apresentar programas femininos na televisão. Junto a ela, Leilah Silveira, comentarista, e as reportagens com Germana Garili e Jurema Iara. “De 1971 a 1975 pode-se dizer que elas surpreenderam e revolucionaram o rádio esportivo do país”¹¹. De acordo com a professora Sidinéia Gomes Freitas, da USP, na palestra de abertura do I Fórum de Debates, Mulher, Esporte, Sexo, Imagem Corporal e Hipocrisia, somente em 1974 foi criada uma lei que permitiu às mulheres adentrarem nos vestiários masculinos (o mesmo valendo para os homens perante os vestiários femininos) para obter declarações pós-jogo¹². No final dos anos 70, no Rio de Janeiro, Cláudia Reis e Tereza Cristina Reis se destacaram como repórteres da Rádio Tropical FM.

As primeiras partidas transmitidas pela televisão eram consideradas sem muita emoção, monótonas. Isso era atribuído ao fato de os locutores tentarem dar uma nova forma de narração, que diferenciasse do rádio. Além disso, havia o fato dos primeiros recursos (duas câmeras, normalmente) para a cobertura de um jogo serem

¹¹ REVISTA PLACAR, 1995

¹² FREITAS, 2000, p.18

considerados limitadores da disponibilidade de imagens e de alternativas para a narrativa, sempre presa ao que o telespectador estava vendo.

Vera Regina Toledo Camargo, ao examinar a trajetória da mensagem esportiva em São Paulo, ressalta a forte influência que foi levada pelos narradores do rádio que foram contratados no começo das transmissões da televisão. Uma dificuldade muito grande de ajuste da linguagem que já havia conquistado o torcedor para um veículo com característica bem distinta.

Mas alguns que foram para a mídia audiovisual não conseguiram mudar suas falas, trazendo as características do rádio para a televisão. Seguindo a mesma linha narrativa, em que o mais importante é criar um ambiente, de modo a fazer com que o ouvinte imagine as imagens, sinta a emoção da partida esportiva, mesmo não podendo visualizá-la. E deste modo, percebemos que nas narrações esportivas televisivas, fala-se do óbvio, os locutores esquecem que as imagens falam por si. A fala e o texto deveriam ter a função de ajudar a compreender e não a de criar uma imagem, para o telespectador, já que este está diante dela¹³.

A evolução tecnológica trouxe mais câmeras, novos ângulos, novas possibilidades de narrativas. Uma das estratégias adotadas foi aproximar o espectador do jogo. Técnica buscada no cinema. Ver de mais perto os lances, transformando as câmeras em olhos virtuais do torcedor, seguindo a bola e mostrando a reação do jogador, do treinador e do próprio torcedor, aproximou a narrativa do público. A narração passou a ser mais ilustrativa e o conteúdo mais ancorado.

Sem o recurso da fantasia, do “direito de mexer com o imaginário” do telespectador apenas com as palavras, como o rádio sempre fez com sucesso, a televisão adotou como recurso a disponibilização para seus narradores e repórteres de um banco de dados muito grande, tornando a transmissão cheia de números (quantas faltas, tempo de bola rolando, quem tem mais domínio de bola, total de finalizações e etc).

Tão logo imaginou a possibilidade de ser ameaçado pela concorrência das transmissões dos jogos pela televisão, o rádio reagiu com o que possui de mais forte: agilidade e imaginação. Enquanto a tv apresentou como novidade uma infinidade de números, tira-teimas, introduzindo estatística como suporte para a equipe que transmitia, o rádio fortaleceu a prestação de serviço. Nas concentrações, nas ruas, nos vestiários, falando de trânsito, do posto médico do estádio, o rádio optou por trazer mais jornalismo às suas transmissões esportivas. Tudo isso, sem abandonar a linguagem específica.

A crítica

Mário Prata, articulista do jornal Folha de São Paulo¹⁴, conta que um americano assistia a um jogo de futebol pela televisão ao seu lado. Depois de indagar

¹³ CAMARGO, 2005

¹⁴ PRATA, 2004

sobre a razão do árbitro pedir ao reserva para mostrar a sola das chuteiras, visto que hoje não se usa mais chuteiras de prego (material já superado há muito tempo pela indústria de material esportivo), ficou curioso com a narração do locutor da tv, que exprime bem a crítica que muitos fazem a ela. A seguir trecho da crônica onde o assunto é abordado.

- Por que o locutor diz que o jogador caiu?
 - Porque caiu, uai.
 - Sim, eu vi que ele caiu. É televisão. Ele não precisa me dizer. Olha lá, dizendo que o goleiro pegou a bola. Eu vi! Será que ele não pode me deixar assistir em paz? É televisão ou rádio?
 - Penso:
 - É que antes era rádio e eles acostumaram a narrar tudo.
 - Mas então alguém precisa dizer para eles que a gente não é cego. Olha lá: dizendo que foi falta. Eu vi!
 - O americano estava certo, os nossos locutores de televisão acham que estão transmitindo pelo rádio.
 - Se o juiz já disse que vai ter mais três minutos de jogo, se o sujeito já levantou a placa mostrando, se lá em cima da televisão está dizendo que vamos ter mais três minutos de acréscimo, por que o locutor tem que avisar à gente que vamos ter mais três minutos de jogo? E precisa dizer que o jogo vai até aos 48 minutos?
- Não é meio óbvio?
- O americano estava certo¹⁵.

Independente da crítica, não há como negar que, também para a geração de torcedores, criada nos tempos atuais, muito mais em cima da imagem, fica difícil compreender a transmissão pelo rádio. O que muitos alegam é que sentem dificuldade para visualizar a jogada, detalhes da partida narrada pelo rádio e que só percebem o lance quando é gol. Exageros à parte, faz sentido a dificuldade dos que vêm desde pequenos a imagem como suporte para entendimento do mundo.

O estudo dos órgãos de percepção registram que o ouvido humano é capaz de discriminar cerca de 200 mil unidades de informação por segundo, considerando as tonalidades e a intensidade, bem como o sentido de direção. Já o olho, jogando com a discriminação espacial, as tonalidades cromáticas e os intervalos entre os estímulos, alcança dezenas de bilhões de unidades de informação a cada segundo¹⁶.

Mais do que uma questão sobre qual dos sentidos tem maior alcance, o que pesa realmente é a questão da interpretação, que, inclusive, justifica o fato do torcedor que vai ao estádio levar o radinho. E este torcedor, que se habituou com a transmissão do rádio, sente uma dificuldade muito grande de ajuste à narrativa da televisão. E, neste sentido, não parece ser um “problema” nacional.

¹⁵ Ibidem

¹⁶ COHEN-SEAT; FOUGEYROLLAS, 1978, p.355-362

Walter Sampaio¹⁷ conta que foi em 1950 que o jornalismo esportivo teve sua primeira reportagem registrada na televisão. Era a cobertura feita pelos cinegrafistas Jorge Kurkjan, Paulo Salomão e Alfonsas Zibas. Este último, segundo Sampaio, provocou uma situação inusitada logo na estréia da televisão com a cobertura esportiva. Zibas entrou em campo, com a bola rolando, achando que assim poderia registrar as imagens mais de perto.

Só restou ao juiz expulsá-lo de campo. Na arquibancada, Kurkjan filmou também este momento.

Uma descoberta

Sílvio Luiz é, provavelmente, o que já encontrou a fórmula de transmitir o futebol pela tv sem cair na mesmice. Claro, com seu estilo próprio e, curiosamente, não imitado até hoje. Enquanto em todos os grandes nomes que despontam na narração do futebol na tv há uma percepção clara da influência da narrativa do rádio, Sílvio se diferencia, com a plena consciência de que é responsável por uma transmissão absolutamente ajustada ao meio. Filho de uma atriz de rádio, conseguiu que a mãe o colocasse trabalhando no meio desde pequeno, na Rádio São Paulo. Em 1952 Sílvio Luiz já fazia parte da equipe da tv Paulista, que mais tarde, precisamente em 1964, se transformaria em tv Globo Paulista.

O torcedor gostou do novo estilo que surgiu com Sílvio Luiz.

Sílvio ousou e levou o humor, a descontração, o nonsense e uma ácida ironia para o campo de futebol. Ele sabia que seria necessário encontrar um caminho novo na Record, que teve grandes narradores como Raul Tabajara e Geraldo José de Almeida. Jamais poderia seguir o caminho trilhado por eles. Começava a nascer um estilo único de locução esportiva. Sílvio vai, aos poucos, rompendo com o padrão clássico de narração em televisão e passa a fazer brincadeiras, criar bordões e até a avisar no ar que havia problemas técnicos na transmissão... pela primeira vez um narrador de televisão rompia com a escola do rádio para comunicar-se de maneira inovadora.... Sílvio Luiz abandonava o até então único modo de se transmitir futebol, e finalmente libertava a imagem na televisão, percebendo o que era evidente: o telespectador estava vendo o que ocorria. Não era preciso dizer o que ele já sabia¹⁸.

Sílvio Luiz trouxe para a transmissão do futebol na tv o comportamento do torcedor da arquibancada e do que vê o jogo pela televisão e comenta com quem está ao seu lado ou sozinho. Ele cria, inclusive, um diálogo com o telespectador. Ao contrário de descrever cada jogador que tocou na bola e de utilizar a redundância, já apontada neste trabalho como um aspecto negativo da narração televisiva, ele apresenta um estilo que foge ao óbvio.

É justamente no público do futebol, no comportamento do torcedor na arquibancada ou em casa, vendo uma partida, que Sílvio encontra os seus diversos bordões. Afirma Sílvio Luiz:

¹⁷ SAMPAIO, 1971, p.24

¹⁸ WILLIAM, 2002, p.133

Eu não estudei este troço aí. Eu achei que você ia ter que estar em casa, vendo a televisão, e quem estivesse transmitindo o jogo teria uma conversa com você... Você tem que estabelecer um diálogo... você ser obrigado a ouvir aquilo que você está vendo é o que mais me irrita na transmissão da tv. Pô, eu estou vendo que o nego chutou com a perna direita, estou vendo que o nego cabeceou. Tem gente que gosta, pois vai ao banheiro e fica ouvindo, ou alega que é para quem é deficiente visual. Isso é tolice.

Referências

- ABREU, João Batista de. Metáforas, hipérboles e metonímias, uma jogada de efeito – o discurso do radiojornalismo esportivo. Trabalho apresentado para a disciplina Comunicação e Significação, do Prof. Milton José Pinto, do programa de pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1. sem. 2000.
- ALBERTO, Luís. Gool. Revista da Comunicação, Rio de Janeiro, n.22, p.26-27, 1990.
- ALMEIDA, Alda. Rádio e Futebol: gritos de norte a sul. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 2., 2004, Florianópolis. Anais... Florianópolis, 15 - 17 abr. 2004.
- ALMEIDA, Rogério Carlos Corrêa de. Radialismo esportivo: um abismo na ponte aérea. 1989. 179 f. Monografia (Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1989.
- ANDRADE, Carlos Drumond. Quando é dia de futebol. Rio de Janeiro. Editora Record, 2002.
- ANDRADE, Edna. Osmar Santos: o Pai da Matéria. E que gol! 2002. Monografia (Dissertação de Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- AS COBERTURAS da Copa na emoção do jornalismo esportivo. Revista Imprensa, n.76, p.16 - 18, 1998.
- BACHELARD, Gaston. O direito de sonhar. São Paulo: Difel, 1986.
- BARTHES, Roland. Mitologias. Rio de Janeiro, Difel, 1975.
- _____. Prazer do texto. Lisboa: Signos, 1988.
- BAUMWORCEL, Ana. Sonoridade e resistência – a Rádio Jornal do Brasil nos anos 60. 1999. Monografia (Dissertação de Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. Os pensadores. São Paulo: Abril, 1980, p.142 – 145.
- _____. Poésie et Révolution. Paris: Denoël, 1971.
- BONAVITA, Maria Elvira. História da Comunicação: rádio e tv no Brasil. São Paulo: 1982.
- BORBA FILHO, Hermilo. História do Espetáculo. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1968.
- CAMARGO, Vera Regina Toledo. A trajetória da mensagem esportiva: dos sons à imagem Paulistana. Campinas: Unicamp, 2005. CD-ROM.

- _____. Elementos para uma concepção da cultura de massa. In: COSTA, Márcia Regina et al. Futebol espetáculo do Século. São Paulo: Musa Editora, 1999, p.70-80.
- CAPINUSSÚ, José Maurício. Comunicação e transgressão no esporte. São Paulo: Ibrasa, 1997.
- CAPINUSSÚ, José Maurício. Futebol e Sociedade, um olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Uerj, 2005.
- CARDOSO, Tom; ROCKMANN, Roberto. O Marechal da Vitória. Uma história de rádio, tv e futebol. São Paulo: A Girafa Ed., 2005.
- CARVALHO, José Murilo de. Os bestilizados. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1987.
- COHEN-SEAT, G., FOUGEYROLLAS, P. A informação visual e sua ação sobre o homem. In: COHN, Gabriel (org). Comunicação e Indústria Cultural. 4. ed., São Paulo: Nacional, 1978. p.355 - 362.
- COSTA, Antônio da Silva. Do futebol a uma nova imagem do homem e da sociedade. In: CAPINUSSÚ, José Maurício. Futebol e sociedade, um olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Uerj, 2005. p.15 - 21.
- COSTA, Márcia Regina et al. Futebol espetáculo do Século. São Paulo: Musa Ed., 1999.
- DAMATTA, Roberto et. al. Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakoteque, 1982.
- DA MATTA, Roberto. Antropologia do óbvio - Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. São Paulo, Revista da USP, São Paulo, n.22, p.16 – 18, 1994.
- _____. O futebol é a maior escola de democracia. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, ano 1, jan. 2006, p.46-47
- DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, Paulo César R. (org). Futebol: paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p.29 – 44.
- ECO, Umberto. Viagem na irrealidade cotidiana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- FEIJÓ, Luiz César Saraiva. A linguagem dos esportes de massa e a gíria do futebol. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- FERGUSSON, Francis. The Idea of a Theater. Princenton, N.J: Princenton University Press, 1949.
- FERNANDO, Carlos. Futebol vivo. Disponível em: <<http://www.webamigos.net/cacafernando/futvivo.shtml>>. Acesso em: 24 mar. 2005.
- FREITAS, Sidinéia Gomes. Mulher e Esporte – Mitos e Verdades. In: FÓRUM DE DEBATES, 1., 2000, São Paulo. Anais... São Paulo: USP; Escola de Educação Física e Esporte, 28 jun. 2000.
- GONTIJO, Silvana. Livro de Ouro da Comunicação. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- GUERRA, Márcio. Você, ouvinte, é a nossa meta. A importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol. Juiz de Fora: Ed. Etc. 2000.
- GUIMARÃES, Fernanda Couto. O futebol no jornalismo esportivo: o papel da mídia impressa na criação dos ídolos de massa. 2005. Monografia (Projeto de conclusão do Curso de Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

HALLACK, Ivan Elias. O envolvimento do torcedor de futebol através do rádio. 1988. 108 f. Monografia (Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1988.

HELAL, Ronaldo. Mídia, ídolos e heróis do futebol. Intercom. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. CD-ROM.

_____. O que é sociologia do esporte. São Paulo: Brasiliense, 1996.

HERSCHMANN, Micael; LERNER, Kátia. Lance de Sorte: o futebol e o jogo do bicho na Belle Époque Carioca. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.

JOLY M. Introdução à análise da imagem. São Paulo: Papirus, 1996. JORNAL DA AESP, São Paulo, n.15, jun. 1997.

LABOV, William. Sociolinguistics Patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

LAUB, Michel. A narrativa do engodo. Revista Bravo, São Paulo, ano 5, n.56, p.104 - 107, maio 2002.

LOVISARO, Martha, NEVES Licy Consuelo. Comunicação Esportiva no Rádio e na tv: sucessão de equívocos – na imprensa escrita, a salvação. In: CAPINUSSÚ, José Maurício. Futebol e Sociedade, um olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Uerj, 2005, p.84 - 100.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização, São Paulo: Cortez, 2002.

MARINI, Eduardo. Alto-astral em duas vozes. Istoé, São Paulo, n.1861, p.39 - 40, 15 jun. 2005.

MARQUES, José Carlos. O futebol em Nelson Rodrigues. São Paulo: Educ/Fapesp, 2003.

MASINI, André. A Gramática e o futebol. Jornal O Paraná, 22 out. 2003. Disponível em: <http://www.casadacultura.org/andre_masini/artigos/2003_10/gramatica_e_o_futebol.html>. Acesso em: 24. mar. 2005.

MATTIUSI, Matias. Osmar Santos. O milagre da vida. São Paulo: Sapienza Editora, 2004.

MEDITSCH, Eduardo. O Rádio na Era da Informação. Teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: UFSC, 2001.

MELLO, Fernando Vieira de. O som do gol é diferente no rádio brasileiro. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/port/comunica/radio/esporte/apresent.htm>>. Acesso em: 24 mar. 2005.

MENDES, Luiz. 7 mil horas de futebol. Rio de Janeiro: Freitas Bastos Ed., 1999.

MIRANDA, Leonardo Affonso de. Corações em Ação. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, ano 1, n.7, p.27 – 28, jan. 2006.

MORIN, Edgar. Cultura de massas no Século XX: o espírito do tempo. Rio de Janeiro: Forense, 1977.

MOTTA, Agda. O futebol como reflexo da sociedade brasileira. 1990. 115 f. Monografia (Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1990.

- MURCE, Renato. Bastidores do Rádio. Rio de Janeiro: Centro Cultural Brasileiro, 1986.
- NOGUEIRA, Armando. Coluna Um Olhar. Revista Lance A+, Rio de Janeiro, ano 5, n. 252, p.10, 2-8 jul. 2005.
- NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. O mito no rádio: a voz e os signos de renovação periódica. São Paulo: Annablume Editora, 2004.
- OLIVEIRA, Maura. A comunidade imaginada do futebol. Estratégias midiáticas na enunciação esportiva. Revista Interamericana de comunicação midiática. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, v.III, p.16 - 23, jan./jun. 2004.
- OLIVEIRA, Robson; SENA, Gabriel. História da tv brasileira. Disponível em: <<http://historiadatvbrasileira.el.com.br/tvcontinental.htm>>. Acesso em: 24 mar. 2005.
- O RELATO de futebol. Disponível em: <http://oquese passa.no.sapo.pt/relato.htm> s.a. Acesso em: 19 mar. 2005.
- PAIVA, Raquel e SODRÉ, Muniz. Cidade dos Artistas. Cartografia da televisão e da fama no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- PAIVA, Raquel. O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PARENTE, André. Narrativa. In: _____. Narrativa e Modernidade . Os cinemas não-narrativos do pós- guerra. Local: Editora Papyrus. 2000. p.33 – 49.
- PIERNES, Guilherme. Comunicação e Desintegração na América Latina. Brasília: UNB, 1990.
- POLITO, Reinaldo. Há um jogo no campo, outro no rádio e outro muito diferente na televisão. Aprenda a se comunicar com os locutores esportivos . Disponível em: <<http://www.reinaldopolito.com.br/artigos/vencer/vencer.asp?txt=63>>. Acesso em: 19 mar. 2005.
- PORCHAT, Maria Elisa. Manual de Radiojornalismo: Jovem Pan. São Paulo: Ática, 1989.
- PRATA, Mário. Gringo vendo futebol. Folha de São Paulo. 2 jun. 2004. Disponível em: <<http://www.marioprataonline.com.br/obra/cronicas>>. Acesso em: 24 mar. 2005.
- REVISTA PLACAR, São Paulo, Abril, n.1101, mar. 1995.
- ROCCO JÚNIOR, Ary José. Todos juntos, vamos, prá frente Brasil: o futebol, os meios de comunicação, o público e o privado. 2005. Monografia (Dissertação de Mestrado em Comunicação) - Universidade Santo Amaro/PUC/SP, Santo Amaro, 2005.
- RODRIGUES FILHO, Mário Leite. O negro no futebol brasileiro. 3ed. Petrópolis: Fim, 1994.
- SALDANHA, João. Meus amigos. Rio de Janeiro: Nova Mitavaí, 1987.
- SAMPAIO, Mario Ferraz Sampaio. História do Rádio e da Televisão no Brasil e no Mundo (memórias de um pioneiro). Campos dos Goytacazes: Ed. Fenorte, 2004.
- SAMPAIO, Walter. Jornalismo Audiovisual, no rádio, tv e cinema. São Paulo: Edusp, Petrópolis: Vozes, 1971.
- SANTAELLA, Lúcia. O que é semiótica. São Paulo: Brasiliense, 1998.

- SANTOS, Pedro Brum. Ficção e futebol: culturas em movimento. Intercom. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2002.CD-ROM.
- SANZ, Luiz Alberto. Dramaturgia da Informação Radiofônica. Niterói: Universidade Federal Fluminense, [s.l.:s.n.]. Trabalho não publicado.
- SCHINNER, Carlos Fernando. Manual dos Locutores Esportivos. São Paulo: Ed. Panda, 2004.
- SFEZ, Lucien. Crítica da comunicação. São Paulo: Loyola, 1994.
- SHIRTS, Mathew G. Literatura Futebolística: uma periodização. In: MEIHY, J.C.S.B; BERTOLLI FILHO, C. (Orgs.), Futebol e Cultura: Coletânea de Estudos. São Paulo: Imprensa Oficial/ Arquivo do Estado. 1982. p.65 – 70
- SILVA, Marcelino Rodrigues. Quem desloca tem preferência. Mediação, Belo Horizonte: Faculdade de Ciências Humanas; Universidade Fumec, ano 4, n.4. p.25, 2004.
- SILVEIRA, J. Futebol e cultura: futebol... futebol. São Paulo: INESP, 1997.
- SOARES, Edileuza. A bola. O rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus, 1994.
- SODRÉ, Muniz. Antropológica do Espelho. Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SOUZA, Marcos Alves de. A “nação em chuteiras”: raça e masculinidade no futebol brasileiro. 1996. Monografia (Dissertação de Mestrado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 1996.
- STEMME, Fritz. A Psicologia Social do Futebol. Arquivos Brasileiros de Psicologia. Rio de Janeiro: FGV, v.33, p.114, 1981.
- TAVARES, Reynaldo C. Histórias que o rádio não contou. São Paulo: Ed. Harbra, 1999.
- TRINDADE, Mauro. Um país em aquarela. Revista Bravo, São Paulo, ano 7, n.74, p.31 – 37, nov. 2003.
- WILLIAM, Wagner. Olho no Lance, Silvio Luiz. São Paulo: Best Seller, 2002.
- WISNIK, José Miguel. Um povo que cabe nas quatro linhas. Jornal Estado de São Paulo, Caderno Aliás, p.J4, 23 out. 2005. Entrevista ao jornalista Fred Melo Paiva.